

## “E que bela atividade é a de interpretar”

Vinicius Oliveira Sanfelice\*

MICHEL, Johann. *Qu'est-ce que L'herméneutique?* Paris: PUF, 2023.

Em seu novo livro, *Qu'est-ce que l'herméneutique?*, Johann Michel dá continuidade à tese antropológica proposta em *Homo Interpretans*:<sup>1</sup> o ato de interpretar é uma tarefa constitutiva do ser humano. Afirmar que interpretar é próprio do humano expressa a definição da hermenêutica como busca pelo sentido. O livro publicado agora mantém o aspecto social e cultural da interpretação como central para a hermenêutica que deseja preservar sua dimensão prática. O viés pragmático, no livro anterior, reabria um diálogo possível entre hermenêutica e teoria crítica ao abordar o ato de interpretar como condição do agir. Michel abordava a tarefa da interpretação e a condição concreta de quem interpreta. É parte da tarefa de interpretação, segundo Michel, a explicação, a criação e toda compreensão de sentido. Ao reunir esses elementos, a proposta de *Homo Interpretans* torna-se uma ampla investigação sobre o caráter antropológico da interpretação e da pré-compreensão estável até ser abalada pelo “problema de sentido”.

A relevância de *Homo interpretans* para compreendermos essa proposta de uma “antropologia interpretativa” é grande. Trata-se, diz Michel, de itinerário antropológico “aos confins da natureza, da cultura e da política” a partir do agir interpretativo que nos faz humanos. Interpretar seria uma atividade de fins especulativos e orientada ao agir. Na primeira parte, há a delimitação: interpretar é exercer a faculdade universal de operar esquematizações que permitem interpretar os sentidos. Quem interpreta, porém, também age no mundo. É necessário distinguir entre a prática comum no plano antropológico e a atividade no plano epistemológico. Michel não sacrifica a primeira em benefício da segunda. Para ele, a tarefa hermenêutica seria como o percurso do caçador que persegue a presa através de rastros significativos e como o percurso do erudito que persegue a compreensão do “mundo da vida”.

---

\* Pós-doutorando na UNIFESP, com bolsa FAPESP. Este trabalho de pesquisa foi financiado pela bolsa de pós-doutorado processo n.º 2022/02447-1, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: sanfelice.vinicius@gmail.com

<sup>1</sup> *Homo interpretans*. Paris: Hermann, 2017. Edição portuguesa: Lisboa: Lema d'Origem, 2023.

O modelo de interpretação de *Homo interpretans* organiza-se assim: há 1) meta-interpretação, quando a interpretação está num registro epistemológico erudito: reflexão hermenêutica; 2) proto-interpretação, quando ela está num registro etnológico: operações pré-reflexivas no ambiente natural; 3) e a interpretação em si, que está num registro antropológico. Michel coloca três condições para sua noção de interpretação: instituição simbólica da humanidade cujo horizonte excede o ambiente natural; suspensão reflexiva da compreensão de sentido; e capacidade de auto-interpretação e de reconhecer o problema de sentido como afetando a si próprio. A condição de estar numa ordem simbólica serve para demarcar entre reino humano e animal. Só a proto-interpretação prescindiria, segundo Michel, dessas condições.<sup>2</sup>

Ligação sólida entre *Homo Interpretans* e *Qu'est-ce que l'herméneutique?*, o “problema de sentido” é o ponto de partida para Michel propor uma transformação pragmatista da hermenêutica. Isso permite definir a hermenêutica a partir de regimes de “problema de sentido”: obscuridade, equivocidade, ambiguidade, confusão; e de atividades necessárias para lidar com os problemas: contextualização, explicação, clarificação, explicitação. Ele busca enxertar pragmatismo na hermenêutica para fazer jus à experiência comum de interpretação: trata-se de interpretação somente quando o sentido se tornou problemático. *Homo interpretans* formula isso a partir da definição de que interpretação envolve necessariamente “conquista de sentido”. *Qu'est-ce que l'herméneutique?* aplica essa definição nos diversos domínios em que a hermenêutica atuou, atua ou deverá atuar.

### **Para começar: distinguir é preciso**

Insisto na relevância de *Homo interpretans*. Não se trata da banalidade de ir de um livro a outro. A tese do primeiro livro funciona com autonomia em *Qu'est-ce que l'herméneutique?*. A questão foge de toda ligação entre eles e diz respeito às noções usadas na hermenêutica como palavras mágicas: se todos sabem, por exemplo, o que “texto” significa, não seria necessário explicitar seu significado. Não é bem assim. Precisar o sentido dessa noção ajuda a avaliar as hermenêuticas que propõem passar “do texto à ação”. Michel de fato compartilha com Paul Ricœur o modelo hermenêutico da *mécompréhension*, mas ele insiste sobre os limites que a interpretação recebe em uma

---

<sup>2</sup> MICHEL, Johann. *Homo Interpretans*. Paris: Hermes, 2017, pp. 60-61.

hermenêutica que poderia privilegiar a noção de texto. Uma hermenêutica textual pode bem não reconhecer funções comuns da interpretação. Em relação à interpretação no contexto comum, a deficiência aparece na discussão sobre o “deciframento” do sentido. Ele afirma: “Não pode haver, no entanto, investigação ou avaliação sem suspensão de sentido e sem atividade interpretativa correspondente, uma vez que situações familiares e valorações rotineiras precisam ser questionadas”.<sup>3</sup>

Se quisermos, por exemplo, afirmar uma paridade entre *homo interpretans* e *homo narrans* na busca pela compreensão de si, teremos que lidar com a relação entre atividade interpretativa e atividade narrativa, talvez até assumir a precedência de uma sobre outra. O viés pragmático alerta para a sedimentação da hermenêutica: não apenas os sentidos podem falhar, os modelos para superar as falhas necessitam de revisão para que as teorias sejam efetivas. Ele afirma:

Um modelo sócio-fenomenológico ou microsociológico está mais bem preparado do que um modelo estruturalista e até mesmo do que um modelo hermenêutico derivado do paradigma do texto para compreender plenamente a interpretação em processo no decorrer da ação e das interações. Nessa escala pragmática em que é possível analisar de forma mais precisa as distorções de sentido, as maneiras de interpretar de agentes comuns capturados pelo abalo das certezas dóxicas. Estamos longe aqui da mera figura do exegeta solitário lidando com a obscuridade de um texto, e mais próximos, por outro lado, das interações comuns que não têm mais a evidência de uma compreensão de sentido compartilhada.<sup>4</sup>

A reabertura do diálogo com a teoria crítica é uma boa indicação desse alerta: trata-se de temperar o tradicional otimismo hermenêutico com “acordos” no processo pragmático de comunicação: ele acontece mais como regra ou mais como exceção? Não é o caso de retornar ao debate Habermas-Gadamer sobre a “pré-compreensão” estabilizada nesse processo. Segundo Michel, interpretar é sinal da criatividade do sujeito que interpreta e age-intervém, a interpretação, sempre que nossa pré-compreensão é abalada pelo problema do sentido. O passo seguinte de Michel, da solução do problema até a pragmática hermenêutica, ou hermenêutica pragmatista, é por sua conta. Assim como é ir da demanda por técnicas específicas aos *interprétatiaux* que seriam modos de ser, formas de conhecimento e estariam entre transcendentais kantianos e existenciais heideggerianos.<sup>5</sup> Do meu ponto de vista, limitadas à questão da interpretação, técnicas são ferramentas que visam ampliar a solução de problemas: apelar ao enraizamento e à verdade última sobre fenômenos às vezes insubmissos ao

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>4</sup> Ibidem, pp. 87-88.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 127.

plano verbal, isto é, oferecer a “essência” de algo em troca de nossa experiência, é o oposto disso.

*Homo Interpretans* traz, na seção “A interpretação produtiva e a experiência estética”, uma noção de interpretação produtiva como sendo a tendência a produzir novas configurações de sentido. A distinção entre interpretação reprodutiva e produtiva nos remete à distinção entre imaginação reprodutiva e produtiva na doutrina kantiana do esquematismo, mas sem focar na imaginação de matriz linguística. Michel pensa até em uma sociedade utópica a partir de uma cultura da interpretação, que exigiria espaços plenos de “políticas da interpretação”. Não seria, a meu ver, a matriz linguística da hermenêutica que os manteria preenchidos, mas o exercício da crítica do sentido. A “interpretação reconstrutiva” é a mais próxima da ideia de transformação, ainda que, segundo Michel, seja diferente da *démarche* materialista pensada por Marx. Segundo Michel, a visão marxista também é interpretativa e apenas não seria se a considerarmos uma “explicação irrefutável da realidade”. Apenas nesse sentido estrito a “interpretação reconstrutiva” poderia ser acusada de ideologia. Michel vislumbra a utopia da sociedade de intérpretes:

É necessário reter da utopia a ideia de não-lugar, que não é um lugar vazio, mas um laboratório onde se desenvolvem variações imaginativas e interpretativas sobre *o que não é*, a fim de pôr em distância reflexivamente *o que é*, e propor assim novas possibilidades. A imaginação de uma sociedade situada em lugar-nenhum permite desafiar radicalmente o que é, desde as relações familiares às relações de poder político. E é graças à força subversiva da utopia que podemos afirmar que tal ou tal ideologia é mistificadora.<sup>6</sup>

Michel considera a “interpretação produtiva” em termos da atividade/ação do intérprete. Essa proposta é retomada em *Qu'est-ce que l'herméneutique?*. Nesse sentido, todas as “interpretações” propostas por Michel têm em comum a amplitude da crítica e do exercício de suspeição, sem monopólio de “revelação”.

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 161.

## **Enfim: a festa do interpretar**

*Qu'est-ce que l'herméneutique?* delimita a hermenêutica a partir dessa tarefa de interpretação ocupada com o desvelamento do mundo e o deciframento dos signos. Michel parte do “problema de sentido” como condição para haver a interpretação. Cinco anos depois de *Homo Interpretans*, ele está ciente de que uma hermenêutica transformada por meio de sua ampliação e da reflexão crítica engloba o aspecto sociopolítico da interpretação. As teorias sempre tendem à sedimentação e à fratura interna. Segundo Michel, a ruptura na hermenêutica atual entre viés metódico e viés ontológico da interpretação é uma fratura. Ela não é recente, tem tradição. A novidade é considerar a ruptura e a crise como oportunidade para transformar a hermenêutica a partir dessa antropologia interpretativa.<sup>7</sup> *Qu'est-ce que l'herméneutique?* mostra que Michel agarrou a oportunidade.

O prefácio de Christian Berner apresenta traços reveladores da intenção de transformar a hermenêutica no que concerne à sua extensão, a pretensão de alargar seus domínios, delimitando, porém, as tarefas próprias da interpretação. Outro aspecto lembrado por Berner é a defesa da criticidade.<sup>8</sup> Nesta resenha destacarei a orientação pragmática do novo livro de Michel, a “fuga” do modelo textual e a ampliação da hermenêutica à interpretação da obra de arte. É uma contribuição, entre várias, para essa intenção de transformar e atualizar teorias da interpretação já tão sedimentadas. De início temos, na introdução, que a prática de interpretação é ampla e concerne tanto ao especialista quanto ao leigo, é fazer humano captado melhor pela ação, pelo verbo (revelar, compreender, decifrar...) mais que pelo substantivo. É a opção consequente de quem decide partir da compreensão e da interpretação enquanto atividades da vida comum.<sup>9</sup> Michel quer “surpreender” a interpretação em ato e a sua ambição de realizar a transformação pragmatista da hermenêutica deverá ser avaliada nesse sentido. Ele afirma: “a hermenêutica não pode apenas se voltar para o seu próprio espelho, para o círculo da sua própria história, mas deve se expandir para o horizonte de novos objetos, novos espaços de reflexão, novas hibridações de conhecimento”.<sup>10</sup> Para isso, Michel seguirá três diretrizes: a 1) antropológica: considerar a interpretação uma atividade fundamental do ser humano; a 2) pragmatista: reservar a interpretação para a

---

<sup>7</sup> MICHEL, Johann. *Qu'est-ce que L'herméneutique?* Paris: PUF, 2023, p. 19.

<sup>8</sup> BERNER, Christian *apud* Ibidem, p.14.

<sup>9</sup> MICHEL, Johann. *Qu'est-ce que L'herméneutique?*, p. 20.

<sup>10</sup> Ibidem, pp. 21-22.

compreensão reflexiva dirigida ao problema de sentido; e a 3) epistemológica: estender o domínio de investigação da hermenêutica para além dos textos.<sup>11</sup>

O itinerário do livro é esse: delimitar o objeto da hermenêutica, incluindo aí o “acerto de contas” com disciplinas familiares no que concerne à compreensão do sentido dos signos, a saber, semiótica e semântica (estudo 1 e 2). No estudo 3, Michel analisa o ato constitutivo da hermenêutica, o ato de compreender, analisa as diferenças entre compreensão e interpretação, explicação e aplicação. É nesse estudo que Michel define a interpretação como compreensão mediada, suspensiva e reflexiva. No estudo 4, inicia-se o projeto de orientação pragmática da hermenêutica. Michel afirma que o projeto de transformação da hermenêutica é fixado “por meio de uma reflexão sobre o sentido e a experiência”.<sup>12</sup> É um estudo central do livro pela inserção argumentada do projeto e pela discussão sobre as modalidades da experiência. Uma “experiência criativa”, por exemplo, supõe a ruptura de inteligibilidade, o problema de compreensão, e se diferencia da experiência “imediata” e da “adquirida”.<sup>13</sup> Segundo Michel, é essa modalidade que se enquadra no regime de “fazer uma experiência”, que procede pela suspensão da experiência adquirida. Não se trataria de experiência “fabricada” ou passível de ser “totalmente dominada”. Ela implica a resposta à dificuldade do sujeito em compreender o sentido do que está ocorrendo. Por consequência, ela implica interpretação. Trata-se da “interpretação produtiva” cuja tarefa é reconstruir o sentido, conquistá-lo, nas palavras de Michel. Por meio disso, ela se torna uma interpretação produtiva.<sup>14</sup>

O tema dos estudos seguintes são específicos de aplicação, mantendo a diretriz de “explorar espaços de significado *através*, mas também *além* dos textos”.<sup>15</sup> O tema do estudo 5 é a interpretação de espacialidades: a do corpo próprio, das coisas, do social. O tema do estudo 6 é interpretação de obras de arte. A investigação abre-se, afirma Michel, às obras pictóricas, objeto negligenciado pela hermenêutica (a obra literária é o objeto privilegiado, em geral, nesse campo). Considero esse o estudo mais relevante de *Qu'est-ce que l'herméneutique?*, no que concerne à pretensão de ir além de uma “ciência dos textos”, e dedicarei a ele uma seção específica da resenha. O tema do estudo 7 é a ética e a função da compreensão nas interações cotidianas: para ir além da

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 24.

hospitalidade no paradigma hermenêutico da tradução. O estudo 8 é o prolongamento disso, afirma Michel, focando na teoria social da ação: “O principal desafio é saber em que medida podemos tomar a ação sob o modelo analógico de um texto a interpretar. Ler o social...”.<sup>16</sup> O tema do estudo 9, enfim, é a criticidade como elemento inerente à compreensão.

### ***O que é a hermenêutica para a interpretação de uma obra de arte?***

Michel explora, no estudo 6, o fato de certas obras terem vocação para “desfamiliarizar nossas referências e hábitos de compreensão”.<sup>17</sup> A tese central do estudo é mais ampla: “as obras de arte requerem mais do que todas as outras categorias de coisas e seres um esforço interpretativo em razão de seu potencial de plurivocidade e de seu poder de desfamiliarização”.<sup>18</sup> Michel pretende avaliar a plurivocidade que seria razão de ser da obra de arte, isto é, o fato de suscitar múltiplas interpretações. Michel investiga duas escalas da obra: a ontológica, que se ocupa da definição, e a representacional ou denotativa, que se ocupa da apreensão do sentido da obra. Ele analisa a teoria da arte de Arthur C. Danto, uma ontologia descritiva da arte contemporânea e afirma que ela se ocupa da categorização e da classificação das obras.<sup>19</sup> Depois de relatar dificuldades dessa teoria, Michel apresenta uma objeção pragmática à teoria de Danto: a questão ontológica sobre “o que é obra de arte?” raramente se coloca ao espectador, obras que necessitam ser mediatizadas por uma teoria seriam a exceção e não a regra.

Além de trazer seu pressuposto do necessário “problema de sentido”, Michel distingue entre amadores e profissionais da arte e indica a condição de existir problema para existir a transfiguração.<sup>20</sup> Entrando no tema da autenticação da obra, título de uma seção do estudo, Michel afirma que autenticar é um tipo de interpretação. Porém, é um problema que existe já dentro da classe de objetos compreendidos como obras: não há espaço para a questão ontológica colocada por Danto. Outros pontos de atrito que elenco entre eles: a distinção entre o estatuto ontológico e o representativo da obra e o papel do artista na interpretação. Na teoria de Danto, o artista chancela as obras a partir

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 362.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 224.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 229.

de sua intenção. Danto ainda pretenderia, segundo Michel, que isso funcionasse tanto na escala ontológica (constituição e transfiguração), quanto na escala representativa: o artista fixa a interpretação correta do que é representado na obra. É algo difícil de aceitar para quem não acredita no princípio que “a ‘interpretação receptiva’ do espectador deve ser calcada na ‘interpretação criativa’ do artista”.<sup>21</sup>

Apresentado pelo princípio, essa crença às vezes convence, mas como funciona? Para mostrar a interpretação segundo as intenções do artista, Michel traz a análise de *A queda de Ícaro* realizada por Danto. O título conduziria a interpretação ao detalhe sem o qual o sentido do quadro escapa. É indício, segundo Michel, da intenção do artista guiando a estruturação da obra ao mito de Ícaro. O detalhe são as perninhas viradas para cima (Ícaro se afogando). Esse detalhe pictórico, quase escondido, seria o centro do tema do quadro.<sup>22</sup> Porém, Michel aponta não haver uma questão ontológica envolvida: o quadro de Brueghel é uma obra de arte. A teoria de Danto confundiria duas escalas, o caso do quadro não é o mesmo da *Fonte* de Marcel Duchamp (a desfamiliarização do sentido pelo *ready-made*). Danto era ciente de que o artista sozinho não transfigura o mictório comum em obra: dessa necessidade de contexto histórico para existir transfiguração, Michel aponta a distinção de escalas como forma, talvez, de alcançar uma noção mais precisa de interpretação aplicada às obras de arte.

Sobre a questão ontológica analisada em minúcia no estudo de Michel, ele propor uma “transfiguração inversa de obras de arte” é a ousadia bem-vinda. Ousadia por considerar que o status de “obra” não é fixo/imutável, mas dependeria do uso, do contexto, das apropriações, jamais estando seguro.<sup>23</sup> Bem-vinda porque a análise de Michel da tapeçaria de Angers é o acréscimo relevante para refletir sobre a questão. Enunciar hoje que o mictório-*Fonte* tornou-se obra chega a ser tautológico, enunciar que a obra de tapeçaria usada como toalha de mesa não era obra, dá o que pensar. O mesmo ocorre com a restrição: “Somente uma teoria da interpretação restrita está em condições de se impor à escala ontológica das obras de arte”.<sup>24</sup> O que essa restrição significa para o conflito entre hermenêutica e teoria essencialista da arte? Está em aberto. Michel, porém, convida a avaliar as teorias da interpretação segundo as suas capacidades de descontextualizar e contextualizar novamente obras de arte. A

---

<sup>21</sup> Ibidem, pp. 239-240.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 241.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 254.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 258.

hermenêutica, inclusive pelo viés pragmatista, além do texto, oferece intérpretes à plurivocidade da arte. Não é pouco, mas é um começo.

Passos a serem dados nesse caminho aberto por Michel podem ser elencados em forma de questão: o que ele apresenta como “fazer uma experiência” é relevante para refletir sobre a experiência estética? Não podemos considerar que a experiência diante de certas obras de arte é justamente um exemplo de “experiência criativa” no regime do “fazer uma experiência”? A afirmação de Michel de que a inovação semântica, produtora de sentido novo, requerer técnicas (*interpretatio*), merece ser melhor explorada. Talvez esteja aí uma forma de mapear o tamanho da fratura entre o viés metódico e o viés ontológico da interpretação na hermenêutica atual. Refletir sobre a produção de sentido parece um bom desvio através dos problemas que Michel levanta.

### **Fim: o ato de concluir uma interpretação**

Todos os estudos trazem a experiência de má-compreensão como motor da hermenêutica, que faz do ato de compreender tarefa e causa de sua existência. Em seu epílogo, Michel afirma a hermenêutica como campo em reconstrução permanente que não se limita a uma “ciência dos textos”. O confronto brevíssimo com Michel Foucault é o final adequado porque afastaria o preconceito de que a hermenêutica é o círculo sem fim da interpretação. E afastaria o juízo de Susan Sontag, que com razões contra certa interpretação, entendia a suspeição arqueológica, a que destrói para descobrir sentidos escondidos por trás da obra, como o próprio interpretar da hermenêutica. Michel deliberadamente restringe o interpretar “à compreensão suspensiva, mediada e reflexiva que se utiliza de técnicas [*interpretatio*] para superar a incompreensão ou a má-compreensão”.<sup>25</sup> Se restringe a interpretação, a hermenêutica recebe aí uma delimitação que nós, intérpretes, deveríamos considerar como horizonte para reconstrução das expectativas com a filosofia e como espaço de experiência arejada nos estudos hermenêuticos.

Johann Michel recorda sem cessar todo o trabalho realizado para defender que a situação do humano se estenderia na medida do seu horizonte de sentido, inclusive os mundos da possibilidade ficcional que a imaginação projeta para alargar esse horizonte. Esse trabalho é realizado em grande parte por intérpretes das ciências humanas e

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 360.

*“E que bela atividade é a de interpretar”*

naturais. Se Michel está certo, a atividade de interpretar é o que os constitui como seres desse horizonte. Em razão disso, o caráter pragmático da interpretação não pode ser esquecido. Preservá-lo faz dos livros de Johann Michel eventos relevantes para a hermenêutica contemporânea.

*Recebido em 13/03/2022*

*Aprovado em 29/07/2023*